



132

RELAÇÃO ESTUDO-TRABALHO-FAMÍLIA E COVID: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DAS MULHERES ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNEB

Bacharel/Bachelor Larissa Silva dos Santos [ORCID iD](#), Mestre/MSc. Nayara Batista Moreira [ORCID iD](#), Mestre/MSc. Tânia Ferreira dos Santos Bomfim [ORCID iD](#), Mestre/MSc. Ana Paula Santana do Nascimento [ORCID iD](#)

Universidade do Estado da Bahia, Camaçari, Bahia, Brazil

Bacharel/Bachelor Larissa Silva dos Santos

[0000-0003-4039-6823](#)

Mestre/MSc. Nayara Batista Moreira

[0000-0002-0713-7267](#)

Mestre/MSc. Tânia Ferreira dos Santos Bomfim

[0000-0003-4740-8727](#)

Mestre/MSc. Ana Paula Santana do Nascimento

[0000-0003-0361-9899](#)

Resumo/Abstract

Este trabalho teve por objetivo identificar o impacto que o desenvolvimento das atividades profissionais, durante a pandemia do COVID-19, acarretou na relação trabalho-família-estudo de mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia. Para isso, realizou-se uma pesquisa descritiva de caráter quantitativo, cujos dados analisados foram coletados por meio de um questionário com 26 questões e respondido por 90 estudantes. Após análise, concluiu-se que, um percentual significativo das respondentes apresenta maior sobrecarga nas demandas domésticas, acadêmicas e de trabalho, elevando, conseqüentemente, o nível de estresse, ansiedade e trazendo maior procura em ajuda médica e psicológica. Pesquisas futuras poderiam identificar como a pandemia do COVID-19 afetou a atuação das mulheres no mercado de trabalho. Visto que, o cenário pandêmico permanece e poucos estudos foram desenvolvidos sob esta perspectiva.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Educação e Pesquisa em Contabilidade (EPC) / Accounting Education and Research

RELAÇÃO ESTUDO-TRABALHO-FAMÍLIA E COVID: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DAS MULHERES ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNEB

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo identificar o impacto que o desenvolvimento das atividades profissionais, durante a pandemia do COVID-19, acarretou na relação trabalho-família-estudo de mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia. Para isso, realizou-se uma pesquisa descritiva de caráter quantitativo, cujos dados analisados foram coletados por meio de um questionário com 26 questões e respondido por 90 estudantes. Após análise, concluiu-se que, um percentual significativo das respondentes apresenta maior sobrecarga nas demandas domésticas, acadêmicas e de trabalho, elevando, conseqüentemente, o nível de estresse, ansiedade e trazendo maior procura em ajuda médica e psicológica. Pesquisas futuras poderiam identificar como a pandemia do COVID-19 afetou a atuação das mulheres no mercado de trabalho. Visto que, o cenário pandêmico permanece e poucos estudos foram desenvolvidos sob esta perspectiva.

Palavras-chave: Mulher. Conflito estudo-trabalho-família. Pandemia do COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Croda e Garcia (2020), o início de 2020 foi marcado pelo surto de uma doença desconhecida na cidade de Wuhan, na China. E, pouco tempo depois, esse surto inicial foi declarado como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Com isso, iniciou-se uma corrida contra o tempo para conseguir desvendar e orientar as pessoas de como proceder com as novas normas de convivência em nível mundial. Deu-se início à utilização de máscara, álcool gel e diversos outros produtos que ajudam no controle do COVID-19.

Além de toda uma corrida contra o tempo para o desenvolvimento de normas para interromper a propagação do vírus, ocorreu também uma corrida de adaptação do novo cotidiano das famílias em todo o mundo. Escolas/creches fechadas, empresas colocando os funcionários em *home office*, distanciamento social e entre outras adaptações repentinas configuram o que, de longe, é um dos maiores sustos/surtos que a humanidade já vivenciou (Oliveira, Lucas & Iquiapaza, 2020).

Ademais, de acordo com Grossi, Minoda e Fonseca (2020), essa corrida contra o tempo, e dezenas de ajustes que lhe acompanham, trouxeram um grande impacto dentro do seio familiar, pois, dentro da realidade de cada indivíduo, a grande maioria não tinha condições de trabalhar em *home office*, fazer o papel da escola dentro da própria casa e/ou ter com quem deixar o(s) filho(s) enquanto trabalha. Logo, a desigualdade de gênero ficou ainda mais evidente.

No entanto, vale lembrar que a responsabilidade pelo trabalho doméstico, formal ou não, no Brasil, ainda é exclusivamente destinada às mulheres, representando uma desigualdade entre os gêneros masculino e feminino. Esse trabalho é marcado por dor, opressão e adoecimento, principalmente diante da naturalização da posição subalterna que a mulher ocupa na sociedade e na hierarquia da estrutura familiar tradicional, fator que, conseqüentemente, leva à exaustão diante dos cuidados requisitados por todos os membros da família. Muitas vezes, a própria mulher internaliza, por conta das relações de poder vigentes na sociedade, que cabe a ela a obrigação desses afazeres, dispensando pouquíssimo tempo para cuidar de si mesma, descansar e/ou buscar meios de lazer (Porto, 2008).

Com base nessas questões, este trabalho busca responder o seguinte questionamento: Qual o impacto que o desenvolvimento das atividades profissionais, durante a pandemia do COVID-19, acarretou na relação trabalho-família-estudo vivida pelas mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia?

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo busca identificar o impacto que o desenvolvimento das atividades profissionais, durante a pandemia do COVID-19, acarretou na relação trabalho-família-estudo de mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia. Sendo assim, os objetivos específicos buscam: a) identificar os motivos que influenciam o conflito trabalho-família-estudo durante a pandemia do COVID-19; b) verificar se houve mulheres sobrecarregadas com os cuidados da casa, dos filhos e com as exigências do trabalho durante a pandemia de COVID-19; e, c) identificar os impactos da relação trabalho-família-estudo na saúde mental dessas mulheres durante a pandemia do COVID-19. Logo, “buscando incorporar as dimensões subjetiva e simbólica de poder para além das fronteiras materiais e das conformações biológicas” (Araújo, 2000, p. 68).

Por ser um assunto ainda pouco estudado, esta pesquisa tem a intenção de entender como se configurou a rotina da mulher em meio a uma pandemia. O resultado desse artigo traz para a sociedade, especialmente para as mulheres, evidências de como a desigualdade de gênero ainda é predominante e, por conseguinte, como essas mulheres souberam lidar com uma rotina extremamente repentina e intensa de viver durante uma pandemia sendo mãe, trabalhadora, estudante e dona de casa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A pandemia do COVID-19

O COVID-19 (do inglês *Coronavirus Disease 2019*) é uma infecção respiratória provocada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2) (Schuchmann *et al.*, 2020). O vírus surgiu na China, em 2019, e se espalhou por outros países. Em março de 2020, a OMS declarou a doença como sendo, na verdade, uma pandemia – a maior emergência internacional de saúde pública que se enfrenta em décadas. Diante disso, ocorreram impactos significativos na economia e na saúde pública (o que inclui a saúde mental da sociedade), principalmente em virtude do distanciamento social, uma das medidas adotadas para o controle de transmissão da doença, pois convida as pessoas a não saírem de casa (Macedo, 2020 apud Bezerra, Silva, Soares & Silva, 2020).

A análise realizada especificamente para a segunda quinzena de março de 2020 se justifica na medida que diversos estados e municípios passaram a restringir atividades sociais e econômicas, isto, a partir da declaração da OMS, realizada no dia 11 de março de 2020. Nos dias subsequentes à declaração, a maior parte dos entes federativos passou a restringir atividades sociais e econômicas, a fim de ampliar o distanciamento social entre os indivíduos. A primeira Unidade Federativa (UF) a adotar uma medida de caráter mandatório foi o Distrito Federal (DF), no próprio dia 11 de março, quando este suspendeu a realização de eventos que envolvessem um grande número de pessoas. Desde então, o grau de restrição se ampliou rapidamente nos estados, municípios, governo federal e governos estrangeiros (Moraes, 2020).

2.2 COVID-19: A nova realidade de vida, o conflito trabalho-estudo-família e a desigualdade de gênero

A crise instaurada por conta da pandemia só aumentou o desemprego e a precarização do trabalho no Brasil. A adoção repentina do *home office* durante a quarentena, de acordo com

Savic (2020), Waizenegger, McKenna, Cai e Bendz (2020), obrigou os profissionais e suas respectivas famílias a se adaptarem à nova realidade. Os trabalhos domésticos se intensificaram devido à ausência dos serviços habitualmente contratados, escolas e universidades passaram a ter o conteúdo ministrado através de plataformas digitais, os encontros sociais e as atividades físicas passaram a ser feitos à distância e entre outras mudanças. Tais ações produziram impactos diversos na vida profissional dos brasileiros, o que motivou a realização de estudos recentes com o intuito de analisar os efeitos na produtividade do trabalho da adoção do *home office* no contexto da pandemia (Mendes, Hastenreiter Filho & Tellechea, 2020).

As mulheres, geralmente, têm maiores responsabilidades dentro de casa, tanto ao cuidar de crianças, familiares deficientes e/ou idosos quanto ao realizar a maior parte das tarefas domésticas. No Brasil pré-pandemia, enquanto as mulheres realizavam 23,8 horas semanais de trabalho doméstico não remunerado, os homens desempenhavam apenas 12 horas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2019).

À medida que a pandemia avança, os impactos atingem, de forma substancial, a ocupação das mulheres. Ao mesmo tempo que perdem o emprego remunerado, o cuidado não remunerado das mulheres é intensificado, resultante do fechamento de escolas e creches, assim como do aumento das necessidades para com os idosos também (United Nations Women, 2020 apud Croda & Garcia, 2020). Logo, isto ocasiona na ampliação da base da pirâmide econômica, cuja formação consiste em mulheres, principalmente as pobres e pertencentes a grupos marginalizados (Oxfam, 2020).

As mulheres continuam sendo as mais afetadas pelo trabalho não remunerado, principalmente em tempos de crise. Devido à saturação dos sistemas de saúde e ao fechamento das escolas, as tarefas de cuidado recaem principalmente sobre as mulheres, que, em geral, têm a responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças (ONU Mulheres, 2020).

No contexto da pandemia, para algumas mulheres, os ofícios de cuidado misturam-se às rotinas de *home office* e *homeschooling*. Ainda que tais atividades sejam cansativas, elas também são atravessadas por privilégios de classe e raça. Para muitas mulheres, a realização de atividades virtuais remuneradas (*home office*) representam, além do estrangeirismo linguístico, uma impossibilidade, seja pelo vínculo de trabalho informal seja pela natureza das atividades que exercem. Para outras, as dificuldades e a exaustão estão articuladas à perda ou diminuição brusca da renda e à impossibilidade de contar presencialmente com redes de apoio, isto, devido às medidas de distanciamento social (Evans & Ilovatte, 2020).

2.3 Saúde mental na pandemia do COVID-19

As principais fontes do conflito trabalho-família são: tempo, pressão e comportamento. Quanto mais importante um papel é para um indivíduo, mais tempo dedicará a ele e mais pressões e comportamentos específicos serão exigidos para desempenhar um desses papéis, o que resultará em menos tempo e energia para o outro. As obrigações em cumprir uma determinada função interferem na realização da outra, assim como o nível de desempenho em uma função pode sacrificar a outra (Greenhaus & Beutell, 1985 apud Lemos, Costa & Monzato, 2020).

Devido a imprevisibilidade da pandemia do COVID-19, consequências mentais, relacionadas a cognição e ao emocional, são cada vez mais relatadas, o que pode ser justificado pela Teoria do Sistema Imunológico Comportamental (BIS, na sigla inglesa). Nessa teoria, as emoções e a cognição negativa surgem com o intuito de autoproteção, desenvolvendo comportamentos evitáveis e obsessão por determinadas normas sociais. O risco dessas emoções negativas afasta o indivíduo do vírus, mas, a longo prazo, pode prejudicar o sistema

imunológico da pessoa ou trazer uma conformidade cega diante de outras doenças (Li *et al.*, 2020 apud Lima *et al.*, 2020).

2.4 Estudos sobre a pandemia do COVID-19 e seus impactos na sociedade

Segundo Comoli e Canto (2020), quando os primeiros países começaram o isolamento, a ONU Mulheres lançou um alerta mundial, advertindo autoridades políticas, sanitárias e organizações sociais sobre a forma como a pandemia do COVID-19 e o isolamento social poderiam afetar as mulheres – tanto através da sobrecarga de trabalho como através do incremento dos índices de violência doméstica e diminuição de acesso aos serviços de atendimento. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo IBGE, aponta que cerca de 7 milhões de mulheres deixaram seus postos de trabalho no início da pandemia, 2 milhões a mais do que o número de homens na mesma situação.

Lemos, Costa e Monzato (2020), realizaram uma pesquisa com o objetivo de compreender os impactos que a adoção do *home office* acarretou no conflito trabalho-família de trabalhadoras no período da quarentena do COVID-19. As entrevistadas são 14 mulheres, com idades entre 33 e 55 anos, abordadas por meio de uma plataforma de comunicação digital, em junho de 2020. A maioria das entrevistadas é do Rio de Janeiro; todas trabalhavam de modo presencial e se adaptaram ao *home office* devido à pandemia.

Ainda referente à pesquisa realizada por Lemos, Costa e Monzato (2020), os resultados indicaram que houve uma sobrecarga no volume de trabalho no período da pandemia do COVID-19. O que não é algo surpreendente, uma vez que o trabalho em *home office* trouxe as atividades do trabalho para dentro de casa, e, junto a isso, os cuidados com os filhos também se intensificaram. O isolamento social fez com que todas as famílias tivessem que se manter em casa, simultaneamente. Consequentemente, a sobrecarga de trabalho aumentou devido à ausência de suas empregadas domésticas e/ou faxineiras, assim como o cuidado com os filhos, os quais passaram a aderir a modalidade de Ensino à Distância (EaD).

Segundo Comoli e Canto (2020), a pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, realizada em parceria pela ONG Gênero e Número juntamente com a Organização Feminista Sempreviva, concluiu que entre as 2.641 mulheres entrevistadas, 47% afirmaram ser responsáveis pelo cuidado de outra pessoa, das quais 57% são responsáveis por filhos de até 12 anos, 6,4% afirmaram ser responsáveis por outras crianças, 27% afirmaram ser responsáveis por idosos e 3,5% por pessoas com alguma deficiência. Esses dados deixam claro a sobrecarga, além de evidenciar a desigualdade de gênero no dia a dia das mulheres.

Grossi, Minoda e Fonseca (2020) produziram um estudo com o objetivo de identificar como as famílias estão lidando com a imprevisibilidade de ter os filhos participando do ensino à distância em um curto espaço de tempo. Os resultados apontaram que 73,9% dos entrevistados declararam não se dedicar apenas às funções domésticas antes da pandemia do COVID-19. Foi observado também que, antes e durante a pandemia, 56,9% das famílias estavam sendo sustentadas pelo pai e mãe, 29,4% apenas pelo pai e 2,1% apenas pela mãe.

Logo, tomando como exemplo alguns dos índices apontados anteriormente, a pesquisa de Grossi, Minoda e Fonseca (2020) chegou à conclusão de que as famílias estão sendo forçadas ao extremo com as adaptações repentinas, isto, ao ponto de ficarem exaustas para conseguir conciliar as demandas acadêmicas dos filhos, manter a rotina da casa, executar as tarefas domésticas e ainda desenvolver o trabalho em *home office*. Também estão tendo dificuldades em se adaptar aos conflitos emocionais dos filhos, acostumados a viver em ambientes com mais interação, e assim, com a obrigação do isolamento, estão sentindo falta de estar junto dos colegas da escola e/ou dos professores.

Duarte e colaboradores (2020), por sua vez, tiveram como objetivo pesquisar o COVID-19 e os impactos na saúde mental com uma amostra desenvolvida no Rio Grande do Sul. Os resultados demonstraram que, apesar do isolamento social ser apontado como o maior culpado pela ansiedade e o estresse na população, esse não foi o principal receio encontrado, mas sim a possibilidade da renda familiar ser diminuída, isto, em detrimento dos impactos econômico ocasionados pelo cenário no qual vivemos. Ademais, as informações negativas sobre o COVID-19, a exemplo do número de mortos e infectados, também são fatores que podem oferecer mais risco para a saúde mental da população.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Classificação da pesquisa

Esta pesquisa busca analisar as mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia, e entender quais foram os impactos que o desenvolvimento das atividades profissionais, no período da pandemia do COVID-19, acarretou na relação trabalho-família-estudo. Seguindo a linha de Barros e Lehfeld (1990), a pesquisa de cunho descritivo tem como objetivo descrever as experiências de um público-alvo. Neste tipo de pesquisa não há inferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objetivo de pesquisa, procura descobrir a frequência com que um determinado fenômeno ocorre, a sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos.

Quanto a análise do problema, esta será uma pesquisa de cunho quantitativo. A pesquisa quantitativa é um método de pesquisa social que utiliza a quantificação nas modalidades de coleta de informações e no seu tratamento mediante técnicas estatísticas, tais como percentuais, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão e entre outras (Michel, 2005). Deste modo, a pesquisa quantitativa visa transformar a realidade estudada em números. Sendo assim, o questionário aplicado será utilizado para buscar informações e transformá-las em dados estáticos.

Ademais, esta pesquisa teve como intenção recolher informações através de questionários para descobrir quais foram os impactos que o desenvolvimento das atividades profissionais, no período da pandemia do COVID-19, acarretou na relação estudo-trabalho-família vivida por mulheres estudantes de Ciências Contábeis, do campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia. A identidade do respondente é confidencial, conseqüentemente, o sigilo é garantido. O questionário foi classificado como survey (levantamento de dados) conforme aponta Bryman (1989, p. 104):

A pesquisa de survey implica a coleção de dados (...) em um número de unidades e geralmente em uma única conjuntura de tempo, com uma visão para coletar sistematicamente um conjunto de dados quantificáveis no que diz respeito a um número de variáveis que são então examinadas para discernir padrões de associação.

3.2 Apresentação da população e amostra

A pesquisa foi realizada com mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia, cujo total é de 296 estudantes. As informações foram obtidas através de um questionário online realizado durante os meses de março, abril e maio de 2021, o qual foi respondido por 90 estudantes.

3.3 Procedimento para coleta de dados

A pesquisa dos dados foi realizada com a aplicação de um questionário desenvolvido na plataforma digital *Google Forms*. O questionário foi enviado através de um link nas redes sociais e e-mails para as mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia.

O questionário foi composto de 26 questões, adaptadas de Lemos, Barbosa e Monzato (2020), assim como de Grossi, Minoda e Fonseca (2020), as quais foram separadas em quatro seções. A primeira seção com sete perguntas para identificar o perfil do respondente. A segunda seção com cinco perguntas, com o intuito de identificar os motivos que influenciam o conflito estudo-trabalho-família durante a pandemia do COVID-19. A terceira seção com sete perguntas sobre a sobrecarga durante a pandemia do COVID-19. E, por fim, a quarta seção com sete perguntas referentes aos impactos da relação estudo-trabalho-família na saúde mental durante a pandemia do COVID-19.

As perguntas estão classificadas em escala de concordância, discordância e a frequência em relação às questões, escala *likert*. Quanto ao grau de discordância e frequência, o nível 1 representa a discordância total, o nível 2 representa parcial discordância, o nível 3 representa neutralidade, o nível 4 representa parcial concordância e o nível 5 representa a concordância total.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 Perfil dos respondentes

Através das respostas do questionário, identificou-se as faixas etárias das estudantes. 72,20% têm entre 20 e 30 anos de idade; 20% entre 31 e 40 anos; 6,7% entre 41 e 50 anos; e 1,1% possui faixa etária entre 51 e 60 anos. Quanto ao estado civil das estudantes foi identificado que 72,2% eram solteiras, 23,3% casadas, 2,2% estavam em união estável, 1,1% noivas e 1,2% divorciadas. Analisou-se também se as respondentes possuíam filhos, assim, 85,6% disseram não ter filhos, 7,8% têm apenas um filho, 5,6% têm dois filhos e 1% têm três filhos.

Em relação às atividades desenvolvidas pelas respondentes, 57% são funcionárias de entidade privada, 27% estagiárias, 9% profissionais autônomas, 6% funcionárias públicas e 1% terceirizadas. No que se refere ao porte das empresas nas quais trabalham, foi apontado que 41% trabalha em empresa de grande porte, 30% em microempresa, 11,1% em empresa de pequeno porte, 10% em empresa de médio porte e 7,9% é autônoma/funcionária pública. No que tange à modalidade de trabalho, durante a pandemia do COVID-19, 43,3% das respondentes apontou que se encontra no regime de *home office*, 35,6% no regime presencial e 21,1% no regime híbrido (*home office* e presencial).

4.2 Procedimento de análise de dados

A análise de dados foi realizada de forma quantitativa, isto é, através de uma análise da média das respostas obtidas por meio do questionário utilizado.

4.2.1 O conflito estudo-trabalho-família durante a pandemia do COVID-19

Nesta seção foi analisada a concordância das estudantes respondentes sobre os motivos que influenciam o conflito estudo-trabalho-família durante a pandemia do COVID-19.

Tabela 1 - Motivos que influenciam o conflito estudo-trabalho-família durante a pandemia do COVID-19

Questões	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Intensificação dos trabalhos domésticos devido à ausência dos serviços habitualmente contratados	14,40%	11,10%	20%	13,30%	41,20%
Intensificação das atividades acadêmicas devido à ausência das escolas, o que atrapalha meu rendimento no trabalho	13,30%	12,20%	35,60%	15,60%	23,30%
Os afazeres domésticos estão sendo divididos igualmente pelos membros do domicílio	23,30%	12,20%	21,10%	7,80%	35,60%
Houve redução salarial sua ou de algum membro da família	23,30%	4,40%	7,80%	11,10%	53,40%
Intensificação das atividades acadêmicas devido à modalidade de ensino on-line	12,20%	12,20%	12,20%	8,90%	54,50%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

De acordo com a Tabela 1, em relação à intensificação dos trabalhos domésticos, devido à ausência dos serviços habitualmente contratados, 14,40% discordam totalmente, 11,10% discordam parcialmente, 20% não concordam e nem discordam, 13,30% concordam parcialmente e 41,20% concordam totalmente. Logo, a partir dessas análises, percebemos que a grande maioria aponta um aumento referente aos trabalhos domésticos.

Ainda sobre a Tabela 1, referente à intensificação das atividades acadêmicas, devido à ausência das escolas, que atrapalham o rendimento no trabalho, 13,30% das respondentes discordam totalmente, 12,20% discordam parcialmente, 35,60% não concordam e nem discordam, 15,60% concordam parcialmente e 23,30% concordam completamente. Assim, podemos compreender que a maioria se manteve neutra sobre o assunto.

As percepções das respondentes sobre os afazeres domésticos estarem sendo divididos igualmente pelos membros do domicílio, aponta para um percentual de 35,60% que concordam totalmente, contra 23,30% que discordam completamente. Deste modo, mesmo com um percentual próximo, ainda assim podemos destacar que o trabalho doméstico, em sua maioria, recai para a figura feminina.

Em relação se houve ou não redução salarial, 23,30% das respondentes discordam totalmente, 4,40% discordam parcialmente, 7,80% são neutras, 11,10% concordam parcialmente e 53,40% concordam totalmente. Logo, é evidente que a condição econômica das famílias foi um dos fatores mais afetados durante a pandemia do COVID-19.

Ainda acerca da Tabela 1, observa-se um levantamento sobre a intensificação das atividades acadêmicas, isto, devido à modalidade de ensino on-line. Neste campo, 54,50% das respondentes concordam totalmente e 12,20% discordam totalmente; evidenciando que o ensino on-line aumenta as demandas dos discentes.

Nesse sentido, os resultados corroboram com a pesquisa desenvolvida por Lemos, Costa e Monzato (2020), pois, apesar dos perfis de entrevistados serem diferentes, mesmo que ambos

sigam o sentido da figura feminina, os desfechos sobre as sobrecargas referentes aos cuidados gerais e a pressão da redução salarial são similares.

4.2.2. Percepção das estudantes do curso de Ciências Contábeis relativo a sobrecarga durante a pandemia do COVID-19

Nesta seção foi analisada a concordância das estudantes respondentes referente à sobrecarga das atividades durante a pandemia do COVID-19.

Tabela 2 - Percepção em relação a sobrecarga das atividades durante a pandemia do COVID-19

Questões	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Não consigo conciliar as demandas do estudo/trabalho com os cuidados da casa	12,20%	10,00%	14%	16%	47,80%
Não consigo conciliar as demandas do estudo/trabalho com o cuidado dos filhos	48,90%	5,60%	24,40%	6,70%	14,40%
Sou a única responsável pelos cuidados com a casa	27,80%	13,30%	20,00%	12,20%	26,70%
Sou a única responsável pelos cuidados com os filhos	57,80%	6,70%	22,20%	4,40%	8,90%
Houve sobrecarga nas exigências do trabalho (tenho trabalhado mais horas por dia)	22,20%	7,80%	8,90%	11,10%	50,00%
Houve sobrecarga nas exigências da faculdade (tenho mais atividades para desenvolver de forma assíncrona)	10,00%	7,80%	10,00%	11,10%	61,10%
Sinto maior necessidade na dedicação aos estudos devido à modalidade de ensino on-line	6,70%	2,20%	10,00%	13,30%	67,80%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Na Tabela 2, um dos questionamentos abordados para as respondentes foi acerca de não conseguirem conciliar as demandas do estudo/trabalho com os cuidados da casa. Assim, 12,20% discordam totalmente, 10% discordam parcialmente, 14% são neutras, 16% concordam parcialmente e 47,80% concordam totalmente. Quanto ao questionamento acerca de não conseguirem conciliar as demandas do estudo/trabalho com o cuidado dos filhos, 14,40% concordam totalmente, 24,40% são neutras e a grande maioria de 48,90% discordaram totalmente – o que se justifica pelo fato da maioria das respondentes não possuir filhos.

Quanto ao questionamento sobre ser a única responsável pelos cuidados da casa, 27,80% das respondentes discordam totalmente, 13,30% discordam parcialmente, 20% se mantiveram neutras, 12,20% concordam parcialmente e 26,70% concordam totalmente. Sobre a questão de ser a única responsável pelos cuidados com os filhos, 57,80% discordam

totalmente, 6,70% discordam parcialmente, 22,20% são neutras, 4,40% concordam parcialmente e 8,90% concordam totalmente – evidenciando que a maioria não possui filhos.

No quesito apresentado acerca das mulheres sobrecarregadas nas exigências do trabalho, por trabalharem mais horas por dia, os resultados indicaram que 50% das respondentes concordam totalmente, 11,10% concordam parcialmente, 8,90% se mantiveram neutras, 7,80% discordam parcialmente e 22,20% discordam totalmente – o que deixa claro que a pandemia do COVID-19 trouxe um peso maior nas atividades corporativas.

Referente às mulheres sobrecarregadas nas exigências da faculdade, isto, por terem mais atividades para desenvolver de forma assíncrona, um percentual de 10% das respondentes discorda totalmente, 7,80% discordam parcialmente, 10% são neutras, 11,10% concordam parcialmente e a grande maioria de 61,10% concordam totalmente.

Por fim, referente à maior necessidade de dedicação aos estudos devido a modalidade de ensino on-line, 6,70% das respondentes discordam totalmente, 2,20% discordam parcialmente, 10% são neutras, 13,30% concordam parcialmente e 67,80% concordam totalmente, afirmando, assim, que os estudantes passaram a ter uma necessidade maior de dedicação aos estudos.

Nesta sequência, os dados identificados corroboram com a pesquisa desenvolvida por Comoli e Canto (2020) e por Lemos, Costa e Monzato (2020), pois a rotina dessas mulheres foi modificada e, automaticamente, o isolamento social trouxe essa carga a mais na vida delas. Sendo assim, as conclusões nas duas pesquisas deixam claro que as demandas aumentaram na vida/rotina da figura feminina durante a pandemia do COVID-19.

4.2.3 Percepção das estudantes do curso de Ciências Contábeis relativo aos impactos da relação estudo-trabalho-família na saúde mental durante a pandemia do COVID-19

Nesta seção foi identificado o nível de concordância das estudantes respondentes referente aos impactos da relação estudo-trabalho-família e saúde mental durante a pandemia do COVID-19.

Tabela 3 - Impactos da relação estudo-trabalho-família na saúde mental durante a pandemia do COVID-19

Questões	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Me sinto mais ansiosa do que antes da pandemia do COVID-19	5,60%	4,40%	7,80%	8,90%	73,30%
Deixei de fazer/praticar algum tipo de hobby/esporte por causa da pandemia do COVID-19	10,00%	4,40%	10,00%	11,10%	64,50%
Me sinto mais estressada com o trabalho do que antes da pandemia do COVID-19	11,10%	7,80%	12,20%	10,00%	58,90%
Me sinto mais estressada com os afazeres domésticos do que antes da pandemia do COVID-19	14,40%	4,40%	13,30%	10,00%	57,90%

Me sinto mais estressada com os afazeres acadêmicos do que antes da pandemia do COVID-19	6,70%	8,90%	13,30%	7,80%	63,30%
Passei a utilizar medicamentos para controlar a ansiedade durante a pandemia do COVID-19	54,40%	5,60%	6,70%	1,10%	32,20%
Procurei ajuda médica/psicológica para conseguir lidar com certas situações decorrentes da pandemia do COVID-19	50,00%	3,30%	5,60%	3,30%	37,80%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A Tabela 3 traz alguns questionamentos referentes à saúde mental das mulheres estudantes do curso analisado. Dentre as perguntas realizadas, questionou-se acerca da sensação de ansiedade, se elas se sentiam mais ansiosas do que antes da pandemia do COVID-19, nisso, 5,60% das respondentes discordaram totalmente, 4,40% discordaram parcialmente, 7,80% se mantiveram neutras, 8,90% concordaram parcialmente e 73,30% concordaram totalmente. Logo, observou-se que a grande maioria das mulheres teve um aumento na ansiedade por conta da pandemia.

Outro questionamento realizado foi se as respondentes deixaram de fazer/praticar algum tipo hobby/esporte por causa pandemia do COVID-19. Assim, 10% delas discordaram totalmente, em contrapartida, 64,50% apontou concordância total.

Por conseguinte, acerca da percepção das respondentes em relação a sentirem-se mais estressadas com o trabalho do que antes da pandemia do COVID-19, 58,90% concordam totalmente (o que evidencia a grande maioria), 10% concordam parcialmente, 12,20% apontam neutralidade, 7,80% discordam parcialmente e 11,10% discordam totalmente. Quanto a sentirem-se mais estressadas com os afazeres domésticos do que antes da pandemia do COVID-19, 14,40% alegam discordância total, 4,40% discordância parcial e 13,30% não concordam e nem discordam. Entretanto, constatou-se uma maioria em relação à concordância, pois 10% concorda parcialmente e 57,90% está em concordância total.

Quanto ao questionamento de sentirem-se mais estressadas com os afazeres acadêmicos do que antes da pandemia do COVID-19, uma maioria de 63,30% está em concordância total e 7,8% concordância parcial, 13,30% mostraram-se neutras, 8,90% discordam parcialmente e 6,70% discordam totalmente.

Já em relação ao uso de medicamentos para controlar a ansiedade durante a pandemia do COVID-19, 54,40% das respondentes discordam totalmente, 5,60% discordam parcialmente, 6,70% não concordam e nem discordam, 1,10% concorda parcialmente e 32,20% concordam totalmente. Por fim, quando questionado se as respondentes procuravam ajuda médica/psicológica para conseguir lidar com certas situações decorrente da pandemia do COVID-19, uma maioria de 50% discorda totalmente, enquanto 37,80% concordam totalmente.

Desta forma, os questionamentos levantados sobre a saúde mental das entrevistadas corroboram com as pesquisas desenvolvidas por Grossi, Minoda e Fonseca (2020), pois foi possível destacar as dificuldades em saber lidar com as emoções, ansiedade, afazeres domésticos e acadêmicos, os quais, muitas vezes, transcendem a capacidade humana de desenvolvimento. Isto acarreta no desgaste na saúde mental e, conseqüentemente, no aumento

da ansiedade, da busca por medicamentos e de acompanhamento médico – fatores que tendem a ajudar nessas situações.

4.3 Resumo dos resultados

Este estudo teve por objetivo identificar as percepções das mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia, como elas souberam lidar com os conflitos estudo-trabalho-família durante a pandemia do COVID-19. A teoria que fundamentou esta pesquisa nos ajudou a compreender quais foram os maiores conflitos encontrados pelas estudantes respondentes.

A seguir, de forma resumida, serão apresentados os resultados da pesquisa.

Quadro 1 – Resumo dos resultados

Fatores	Resultados
Motivos que influenciam o conflito estudo-trabalho-família durante a pandemia do COVID-19	Aumento dos trabalhos domésticos;
	Intensificação das atividades acadêmicas;
	Redução salarial.
Sobre a sobrecarga durante a pandemia do COVID-19	Não conseguir conciliar as demandas de estudo/trabalho;
	Trabalhar mais horas por dia;
	Maior demanda na faculdade.
Impactos da relação estudo-trabalho-família na saúde mental durante a pandemia do COVID-19.	Se sentir mais estressada do que antes da pandemia;
	Deixar de praticar algum hobby/esporte;
	Passar a procurar ajuda médica/psicológica;
	Passar a utilizar medicamentos para controlar a ansiedade.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Os resultados apresentados no quadro apontam que os principais fatores que causam uma sobrecarga durante a pandemia do COVID-19 foi o aumento das demandas, tanto do trabalho quanto da faculdade, e também dos serviços domésticos, pois todas as entrevistadas destacaram a dificuldade em conciliar tais demandas. Destaca-se ainda a redução salarial, outro fator de bastante adesão.

Além disso, observou-se a ocorrência de grandes impactos na saúde mental, pois a maioria das respondentes se sente mais estressada do que antes da pandemia do COVID-19. Uma grande parte também passou a utilizar medicamentos e procurar ajuda médica/psicológica. Com esses entendimentos, comprova-se que a figura feminina tem sentido diariamente essa carga sobre si e tais fatores acabam impactando diretamente na produtividade dessas mulheres e, automaticamente, afetando a sua saúde mental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar os impactos que o desenvolvimento das atividades profissionais, durante a pandemia do COVID-19, acarretou a relação trabalho-família-estudo de mulheres estudantes do curso de Ciências Contábeis, do Campus XIX, da Universidade do Estado da Bahia.

Os resultados da pesquisa permitiram o alcance dos objetivos geral e específicos, sendo possível identificar que a maioria das estudantes tiveram redução salarial de algum membro da família, o que, conseqüentemente, gerou um problema entre os familiares. Outro ponto

importante observado na pesquisa foi que a maior parte das respondentes disseram que houve intensificação do trabalho doméstico e das atividades acadêmicas, este último por conta da modalidade de ensino remoto. Em relação as conciliações de estudo/trabalho atreladas aos cuidados com os filhos, houve uma baixa concordância, que se justifica pelo fato da maioria das respondentes não possuírem filhos.

Vale destacar também que, 50% das respondentes têm trabalhado mais horas por dia, o que fundamenta uma maior sobrecarga de trabalho. Outra questão relevante foi o percentual levantado de 61,10% que sentem sobrecarga na exigência da faculdade, indicando que as atividades assíncronas demandam mais do que as presenciais. Esses fatores contribuem para a não conciliação das demandas de estudo/trabalho.

Além disso, a grande maioria das respondentes se sente mais estressada com as atividades que precisam desenvolver na sua rotina, como os afazeres domésticos, acadêmicos e em relação ao trabalho (63,30%, 57,80% e 58,90% respectivamente), o que comprova como a saúde mental dessas mulheres foi afetada, conforme apontado pela pesquisa desenvolvida anteriormente por Comoli e Canto (2020) e Lemos, Costa e Monzato (2020). Nesse contexto, a maioria das estudantes se sentem mais ansiosas e estressadas do que antes da pandemia, o que ocasiona o conflito na relação trabalho-família-estudo dessas mulheres.

Outro fator importante, está relacionado à procura de ajuda médica/psicológica, por parte dessas estudantes, para conseguir lidar com as situações decorrentes da pandemia do COVID-19. Sendo destacado ainda que 32,2 %, passaram a utilizar medicamentos para controlar a ansiedade durante a pandemia do COVID-19.

Com toda a mudança ocasionada no cenário mundial para enfrentar a pandemia e, ainda tentar manter todas as atividades estudantis e laborais em desenvolvimento, grandes foram as consequências na rotina das mulheres. Como sugestão para futuros trabalhos, poderiam ser realizadas pesquisas para identificar como a pandemia do COVID-19 afetou a atuação das mulheres no mercado de trabalho. Visto que, o cenário pandêmico permanece e, apesar de poucos estudos desenvolvidos sob esta perspectiva, tem grande relevância no meio acadêmico e social.

REFERÊNCIAS

- Araújo, C. (2000). Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero. *Crítica Marxista. Rev. Boitempo*, 1(11), 65-70.
- Barros, A. de J. P., & Lehfeld, N. A. S. (1999). *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes.
- Bezerra, A., Silva, C. E. M., Soares, F. R. G., & Silva, J. A. M. (2020). Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2411-2421.
- Bryman, A. (1989). *Research Methods and Organization Studies*. Great Britain: Routledge.
- Comoli, E., & Canto, K. (2020). Pandemia impacta mais a vida das mulheres. *Rev. ComCiência*. Recuperado de <https://www.comciencia.br/pandemia-impacta-mais-a-vida-das-mulheres/>.
- Croda, J. H. R., & Garcia, L. P. (2020). Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. *Rev. Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(1), e2020002.

Duarte, M. de Q. *et al.* (2020). COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9), 3401-3411.

Evans, L., & Ilovatte, N. (2020). Nós, mães, estamos exaustas. *Cria para o mundo*. Recuperado de <https://www.criaparaomundo.com.br/post/n%C3%B3s-m%C3%A3es-estamos-exaustas>.

Grossi, M. G. R., Minoda, D. de S. M., & Fonseca, R. G. P. (2020). Impacto da pandemia do covid-19 na educação: reflexos na vida das famílias. *Rev. Teoria E Prática Da Educação*, 23(3), 150-170.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) - 1º trimestre 2019*. Recuperado de <http://ibge.gov.br>.

Lemos, A. H. da C., Barbosa, A. de O., & Monzato, P. M. (2020). Mulheres em home office durante a pandemia da Covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 60(6), 388-399.

Lima, S. O. *et al.* (2020). Impactos no comportamento e na saúde mental de grupos vulneráveis em época de enfrentamento da infecção COVID-19: revisão narrativa. *Rev. Eletrônica Acervo Saúde*, (46), e4006.

Mendes, D. C., Hastenreiter Filho, H. N., & Tellechea, J. (2020). A realidade do trabalho home office na atipicidade pandêmica. *Revista Valore*, 5, 160-191.

Michel, M. H. (2005) *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos*. São Paulo: Atlas.

Moraes, R. F. (2020). *Índices de medidas legais de distanciamento social*. Brasília: Ipea.

Oliveira, A. C., Lucas, T. C., & Iquiapaza, R. A. (2020). O que a pandemia da covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? *Rev. Texto & Contexto - Enfermagem* [online], 29, e20200106. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0106>.

ONU Mulheres. (2020). *Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta*. Recuperado de https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf.

Organização Mundial da Saúde. (2020). *Declaração sobre a primeira reunião do Comitê de Emergência do Regulamento Sanitário Internacional (2005) em relação ao surto de novo coronavírus (2019-nCoV)*. Recuperado de [https://www.who.int/news/item/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news/item/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)).

Oxfam. (2020). *Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade*. Recuperado de <https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>.

Porto, D. (2008). Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. *Rev. Bioética*, 6, 287-303.

Savic, D. (2020). Covid 19 and work from home: Digital transformation of the workforce. *Rev. The Grey Journal*, 6, 101-104.

Schuchmann, A. Z. *et al.* (2020). Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. *Rev. Brazilian Journals*, 3(2), 3556-3576.

Waizenegger, L., McKenna, B., Cai, W., & Bendz, T. (2020). An affordance perspective of team collaboration and enforced working from home during Covid19. *Rev. European Journal of Information Systems*, 29(4), 429-442.